

INFLUENCIA DO PENSAMENTO EXISTENCIAL SOBRE A ATUALIDADE.

O presente curso tem um programa vastíssimo, e embora esteja programado para duas ou três semestres, poderá cobrir o terreno que se propõe apenas de forma esboçada. Faço portanto que os senhores considerem as minhas palestras como tentativas de traçar um apanhado muito geral da situação, na qual nos encontramos. É óbvio que uma tentativa assim geral deve ser necessariamente superficial, se vista a partir de qualquer um dos terrenos especializados que se propõe a abranger num gesto abarcador da totalidade. É igualmente óbvio que o resultado alcançado será a articulação de um ponto de vista parcial sobre a totalidade. Em outras palavras: superficialidade e subjetividade serão as pragas que acometerão este curso. Dito isto como captação da sua boa vontade, cabe defender-me da seguinte maneira: Se posso adiantar algum traço da situação da atualidade, serão estes dois: há uma tendência para a especialização radical de conhecimentos e atividades, e há uma atitude de alienação que tende a transformar o homem em espectador da cena do mundo. São tendências contrárias a superficialidade e subjetividade e demandam outra: a objetividade do especialista que é, como sabemos de experiência, sinônimo de tédio mortal e de falta de visão sintetizadora. Com esta consideração não procuro transformar a superficialidade e a subjetividade em virtudes. Procurarei, pelo contrário, combater estes dois vícios no curso destas palestras: o melhor que posso. Quero apenas supor que, se não conseguir extirpá-los, terei pelo menos fornecido aos senhores um anti-veneno contra o envenenamento progressivo pela objetividade especializada.

O ponto de vista que escolhi e a partir do qual procurarei focalizar a nossa situação, é chamado, muito vagamente, "existencialismo". Com efeito, o título deste curso é "Influência do pensamento existencial sobre a atualidade". A boa etiqueta exige que defina os dois principais termos que este título encerra. Mas como acontece em muitos desses casos, a definição de termos pode ser autenticamente fornecida somente depois do argumento inteiro. Definir existencialismo e definir atualidade significa concluir este curso de palestras. Não quero dar por encerrado este curso com tamanha precipitação, já que disse que está programado para dois semestres, e presumo, otimisticamente, que os senhores compartilham comigo nessa relutância de interrompermos a nossa convivência tão curta. Presumindo portanto a sua convivência na quebra da etiqueta, não definirei os dois termos. Mas, afinal, os senhores e eu precisamos concordar sobre o tema do qual discorreremos. De vez em quando chegamos a um acordo mais ou menos explícito quanto ao significado dos termos que empregaremos. Direi portanto, em vez de definir os termos, que quando utilizar o termo "situação atual", terei em mente vagamente aquele ambiente que nos cerca e que é chamado "civilização ou cultura". E quando utilizar o termo "existencialismo", terei em mente vagamente aquele tipo de pensamento, filosófico ou literário, que pergunta pela maneira do homem estar no mundo, e o faz consultando a vivência corriqueira de todos os dias. Repto: não são definições o que acabo de formular com tanta superficialidade e subjetivismo, são apenas acordos que proponho com os senhores para que possamos entender-nos.

Quero chamar a atenção dos senhores para a minha tentativa de ligar o termo "existencialismo" com o termo "corriqueiro". É essa ligação que estabeleci quero tomar como o ponto de partida para as considerações de hoje. O que é corriqueiro? É o contrário do extraordinário, do maravilhoso, do surpreendente. É portanto o ordinário, do inconspicuo, o esperado. Por ser esta a qualidade do corriqueiro, passa ele despercebido. É demasiadamente óbvio para ser observado. A atenção óbvia é óbvia para dissipar-se rumo ao mais oculto. A atenção despreza o corriqueiro. O corriqueiro não é digno da atenção, e muito menos da atenção filosófica que é o mais nobre dos pensamentos. O pensamento filosófico dirige a sua atenção para assuntos elevados, como justiça, beleza, verdade, ou para pessoas elevadas como Platão e Heidegger, e despreza assuntos corriqueiros como a manufatura de chinelo ou a atividade de tomar café, ou pessoas corriqueiras como o cobrador do imposto de água e esgoto. Por que será que a filosofia despreza o corriqueiro? A resposta é tão óbvia que o fato de tê-la formulado prova que sou influenciado pelo existencialismo. É que a filosofia se interessa pela essência das coisas. A filosofia é, se me permitem um jogo de palavras, essencialmente essencialista. É, na palavra do diabo em Fausto "Weit entfernt von allem Schein nur nach der Wesen tiefe drachtet". (muito distante de toda aparência demanda apenas a profundidade da essência). É por isto que a filosofia despreza o corriqueiro. O corriqueiro não é essencial, ele é, com efeito existencial. O aspecto corriqueiro é óbvio do mundo é o aspecto existencial do mundo. É verdade que a filosofia tradicional, em sua procura da essência, discute este aspecto existencial do mundo, mas apenas para superá-lo, em seu avanço rumo a essência. Assim a filosofia prega a essência (ousia) a mera ilusão a ser rompida pela filosofia. A escolástica define a essência como aquilo que condiciona e envolve a existência (Essentia involvit existentiam) e a existência não passa de acidente. Para a fenomenologia a essência (o eidos) se desvenda, se conseguimos por entre parenteses todos os aspectos existenciais de uma coisa. Devemos por assim dizer esquecer que a coisa existe, para desvendar a essência da coisa. É precisamente neste ponto que reside a função

da filosofia: fazer esquecer que algo existe para desvender a essência de tudo. Esta é pois a resposta óbvia a pergunta: porque a filosofia despreza o corriqueiro? Para esquecê-lo. Mas é precisamente também neste ponto, a saber na fenomenologia, que o pensamento existencial se inicia. Permittam que illustre a surgir do existencialismo a partir da fenomenologia por uma anedota conhecida. Um sujeito aposta com outro que não vai pensar em camelo por 24 horas. Coisa fácil diz ela, já que nunca penso mesmo em camelos. Mas perde a aposta. O maldito camelo não lhe sai do pensamento. A fenomenologia procura não pensar em camelos, isto é no aspecto existencial do mundo, e assim surge o existencialismo. Pelo menos assim surge aquele tipo de argumentos que é chamado, desde o fim da primeira guerra mundial, de existencialismo. Se não me engano, o termo foi inventado por Jaspers. Mas deve ter se tornado claro na ra os senhores, a menos que fui muito obscuro, que existencialismo sempre havia, inclusive na filosofia. Se por exemplo Sócrates compara o estado com um barco e o estadista com um timoneiro, é para um argumento existencial que apela, porque apela para a vivência corriqueira dos seus interlocutores. Nenhum filósofo é suficientemente elegante e professoral, nenhum é suficientemente académico e empenhado, nem mesmo Hegel, (para citar um exemplo extremo), a ponto de perder todo contacto com o corriqueiro. Nenhum filósofo pode dispensar portanto de tudo de uma argumentação existencialista. A leitura de um filósofo inteiramente essencial seria uma tortura de tédio, porque esqueceria de toda a idealidade da filosofia, e devo confessar que Hegel se aproxima muito desde idealidade da filosofia. Mas devemos tomar cuidado para não exagerar o assunto. Um argumento inteiramente existencial seria igualmente intolerável. Seria intolerável, porque não passaria de um bate papo. De toda forma, por mais interessante que possa ser esse bate papo, não seria filosofia. Com efeito, o existencialismo não é, estritamente falando uma filosofia. E são especialmente os existencialistas franceses que estão conscientes do fato. A maneira mais adequada de articular pensamentos existenciais parece ser, a estas pensadores, o romance ou a peça de teatro. Vejam um Camus ou um Sartre. O existencialismo não passa de uma pesquisa daquele território pré-filosofico chamado o corriqueiro. Por si só, o existencialismo nunca pode constituir uma filosofia, e é bom que isto esteja claro logo do início deste curso.

Isto não obstante, a pesquisa do corriqueiro pode ser feita de maneira muito rigorosa. Pode ser feita com todo rigor de um intelecto altamente refinado. Se isto for bate papo, é um bate papo todo especial e profundamente inquietante. E inquietante, porque relembra o que a filosofia tradicional procura fazer esquecer: a situação terrível na qual o homem está de dia para dia, cotidianamente. Como este tipo de lembrete portanto é o existencialismo uma retomada de consciência da situação humana após centenas de anos de discursos elegantes pela filosofia académica e erudita.

Lisse que tecnicamente falando, como pesquisa refinada e rigorosa do corriqueiro, o existencialismo surgiu depois da primeira guerra. Isto não é totalmente verdade. Havia no romantismo um pensador isolado, em parte filósofo, em parte teólogo em parte caiseur, que fulmeia o corriqueiro, o óbvio, o inconspicuo, e análises tipicamente existencialistas. Refiro-me, é claro, a Kierkegaard, que é conhecido de todos os senhores. Mas é conhecido dos senhores graças ao existencialismo surgido depois da primeira guerra. Considerem os temas que Kierkegaard trata: a situação de mulheres burgeses no costureiro. A leitura de uma carta que o noivo recebe da noiva. Um passeio no parque. Ou, uma situação aparentemente não corriqueira, mas não obstante existencial por sua extrema particularidade: Abrão sacrificando Isaac. E, remontando a história da filosofia, descobriremos outro pensamento do barroco, que se enquadra na nossa concepção do existencialismo. Refiro-me a Pascal que considera problemas como a aposta num jogo de piquet ou o motivo de uma caça. E se formos a remontar ainda mais, descobriremos certamente outros pensadores existenciais que são reconhecido como filósofos, embora contra o gosto dos académicos elegantes. O que distingue esse tipo de pensadores dos demais filósofos é uma qualidade do pensamento que Camus irá chamar de honestidade. É por esta honestidade que mechem conosco tão profundamente.

Há também precursores imediatos do existencialismo em terrenos que não são tecnicamente filosofia. Citarei apenas dois: Kafka e Rilke. Procurarei explicar, no curso destas palestras, por que são existencialistas esses poetas, quando tivermos penetrado um pouco mais na problemática que este tipo de pensamento cria. Mas na Alemanha depois da primeira guerra em pensadores como Heidegger, Jaspers, e um pouco mais tarde na França em pensadores como Camus, Marcel e Sartre. Procurarei mostrar porque isto se deu. Creio que o primeiro responsável por este tipo de pensamento é a sensação da derrota. A derrota da Alemanha na primeira guerra, e da França entre as guerras e na segunda guerra, abriu a mente para a receptividade daquelas derrotas mais amplas que a humanidade vinha sofrendo em outros campos de significado. Por exemplo, no campo da economia, vinha se esboçando a d

derrota do capitalismo, no campo internacional a derrota da Europa face, primeiro a America, depois a Russia, e, em última análise, face a China. No campo das ciências físicas se espalhava um derrotismo quanto ao valor dessas ciências como conhecimento da realidade. No campo das ciências psicológicas ficava revelado sempre mais claramente o papel enorme que forças incontrolladas de mente exercem sobre o pensamento e a atividade, e uma sensação de derrota do intellecto se espalhava. No campo da arte plástica reinava uma atividade febril que pode ser comparada a atividade de um formigueiro depois de remexido por uma bengala. Procurava-se recompôr dos destroços dos estilos superados uma nova maneira de pintar, mas havia um clima hecítico e patológico nessa atividade. No campo da música começou a reinar a impressão de que aquilo que era chamado música nos últimos quinhentos anos tinha se esgotado. Iniciaram-se as tentativas de reformular a própria estrutura da composição musical. No campo da literatura a situação era complexa demais para poder ser caracterizada com umas poucas palavras, mas essa própria complexidade prova que se tinha perdido, também nesse campo, aquele acordo fundamental quanto aos valores que carac. terisa toda autêntica cultura. Em breve, o que pretendo dizer é o seguinte: a Alemanha dos anos 20, e a França dos anos 30, formavam ambientes classicamente derrotistas. A um ambiente deste pode a mente reagir, grosso modo, de três maneiras: pode encolher os ombros e dizer: "não ligo". Pode supercompensar a derrota fingindo que é uma vitória gloriosa. E pode tomar a decisão de enfrentar a derrota honestamente. As primeiras duas reações são obviamente mais cómodas, e, com efeito, são elas que caracterisavam os dois ambientes. O dar de ombros, o s'enrichisme triunfou na França, e a supercompensação, a brutalidade mentirosa do nazismo, triunfou na Alemanha. O existencialismo é, pelo menos em tese, a tentativa de tomar a mente a terceira posição por mim mencionada.

Permitam que lhes esboce rapidamente a situação da cena filosófica nos anos vinte e trinta. Na Alemanha essa situação é caracterizada por dois nomes: Husserl e Nicolai Hartmann. Já mencionei hoje a fenomenologia husserliana e como ela representa, a meu ver, um ponto extremo da especulação filosófica, porque força por assim dizer a virada do pensamento para o objeto. Neste sentido é a fenomenologia uma espécie de abdicação do método filosófico iniciado por Descartes, justamente por querer reformulá-lo. Husserl é o ultimo filósofo moderno. A importancia de Nicolai Hartmann me parece residir no fato de ter ele voltado a atenção da filosofia para a metafísica, ou, como ele prefere dizer, ontologia. Mas trata-se de uma metafísica que é o exato contrário daquilo que a tradição filosófica entende pelo termo, e que Kant cre ter eliminado definitivamente. Hartmann diz que a ontologia tradicional pressupõe um território do essencial, do qual as coisas existentes não passam de sombras. Mas a ontologia atual tem justamente estas sombras presentes por tema, porque é nelas que procura a realidade. Hartmann também é portante uma espécie de ponto final, além do qual não pode haver avanço. Ambos, Husserl como Hartmann, provem, por assim dizer, que a própria temática da filosofia anterior se tornou desinteressante.

Na França a cena da filosofia é dominada por Bergson. Este curioso anti-intelectualismo e essa glorificação dos instintos que é resultado de um avanço das ciências biológicas representa a própria anti-filosofia. A filosofia é uma atividade discursiva, é portanto intellectuel em todos os significados, inclusive no formal desse termo. Se Bergson tem razão, então a filosofia, por ser intellectuel, é um movimento contrário ao élan da vida, e afasta da visão intuitiva. Mas o que é importante em Bergson é a sua atitude. É uma atitude antifilosófica no significado do tradicional do termo. Bergson vai ao encontro do mundo como um inebriado. É por sua atitude que desprova e desautentica o que lhe antecede. Não são tanto os seus argumentos, mas é a sua abertura existencial ao mundo que faz de Bergson um precursor do existencialismo.

Completamente diversa é a cena na Inglaterra. A abdicação da Filosofia como disciplina reveladora das essências se formaliza naquele país nas figuras de Russell e Whitehead. Em conjunto com o círculo de Viena surge assim um novo tipo de pensamento completamente divorciado da França e Alemanha. Este tipo de pensamento não resulta em existencialismo, embora seja também uma espécie de admissão de derrota. Retarei em detalhe dessa tendência filosófica no curso destas palestras, já que a meu ver a situação atual, isto é trinta anos depois da época que estou descrevendo, é caracterizada por este formalismo tanto como pelo existencialismo.

O propósito destas curtas considerações sobre a cena da filosofia nos anos 20 e 30 era o de criar um palco sobre o qual apreciará a figura do existencialismo. É por isto que escolhi os meus antagonistas em função do papel que representam no drama do existencialismo. Não mencionei portanto nem kantianos, nem hegelianos, nem marxistas, enfim nenhum daqueles personagens que formam o coro trágico da filosofia moderna e que acompanham com seus comentários os acontecimentos que se desenvolvem no centro do palco. É esses personagens centrais que escolhi são todos, a meu ver, testemunhos da derrota da filosofia, ora dessa, ora daquela forma. É nesse vacuo de derrota que o existencialismo irrompe.

Aspers, um dos primeiros e mais importantes formuladores do pensamento existen-

cial, procura definir a derrota. Para ele é a derrota, (da Scheitern), uma situação de limite na qual o homem pode encontrar o caminho. Na derrota, diz Jaspers, o homem encara o nada, porque na derrota é como se o mundo inteiro ruísse. Essa ruína do mundo abre um novo panorama e visão interior, e é pela derrota que o homem pode portanto deslumbre e realidade. A derrota é, na terminologia de Jaspers, uma cifra do Ser. Na derrota podemos decifrar o Ser. Pois o existencialismo é exatamente isto: procura decifrar o Ser na derrota. A derrota é o clima do existencialismo.

Procurarei, nas próximas palestras, elaborar um pouco essa tentativa de decifrar o Ser que é o existencialismo. Quero utilizar o resto desta palestra para caracterizar o clima. É o clima da solidão do homem ante o nada que o envolve. Essa solidão é vivenciada como angústia, mas essa angústia precisa ser aceita. Ela é a única porta para a autenticidade e liberdade humana. Toda tentativa de abafar essa angústia fundamental que caracteriza a existência humana resulta em conversa fiada; em pose, em decadência. É preciso decidir-se para a angústia, dizer sim a ela. O pensamento existencial é essa decisão de aceitar a solidão da existência humana. O ouvido atento pode distinguir esse ranger dos dentes cerrados em decisão em praticamente qualquer argumento existencialista. Trata-se de uma decisão rebelde que o homem lança na cara daquilo que o lançou para cá sem o ter consultado. Desamparado e só elevar o homem num gesto impotente, mas digno, o seu punho contra aquele absurdo que o lançou para cá e rumo a morte. É o gesto de uma humanidade abandonada por Deus. A minha tese será que este gesto caracteriza a atualidade. Deve ter sido este o gesto dos prisioneiros nos campos de concentração nazistas; deve ter sido o mesmo o gesto daqueles astronautas que se perderam no espaço. Com esta imagem, que é a imagem da situação humana de acordo com o existencialismo, quero encerrar esta palestra.

O foguete é lançado para o espaço frio e vazio. Perde-se nesse espaço fatalmente. Não há esperança. O astronauta está perdido. Mas ainda dispõe dos seus aparelhos. Pode fazer observações e comunicá-las pelo rádio a terra. Mas deve fazê-lo com urgência, porque dentro em pouco a comunicação estará interrompida. É óbvio que não precisa fazê-lo. Pode, por exemplo, lançar-se para fora do foguete e morrer logo. Ou pode ouvir música de jazz para esquecer do seu destino. Mas se tomar essa duas decisões de fuga, terá sido indigno de ter sido escolhido como astronauta. A sua dignidade de astronauta reside na decisão em prol do projeto que o lançou no espaço. Esta me quer parecer é a recomendação digna, bela, e desesperada que o existencialismo nos sugere. O presente curso de palestras procurará mostrar, quanto des esta recomendação já tem sido cumprido, e procurará demonstrar que o desespero fundamental da recomendação ajuda a precipitar a nossa civilização para o abismo. Não compartilho com o existencialismo a convicção da inevitabilidade do abismo. Mas concordo com ele que deve ser encarado. Esta é pois a meta do presente curso.